

Jornal de Angola

No trilho de um poeta de resiliência doutrinária: O caso de Lopito Feijóo

A proposta de leitura que trazemos hoje, anda à volta de um prefácio escrito por nós, para o livro “África, Pro-texto e Erotismo na Poesia de Lopito Feijóo (Leitura Crítica)”, de autoria de Xosé Lois Garcia, numa co-edição da Mayamba e da União dos Escritores Angolanos no ano de 2021.



David Capelenguela. Poeta e ensaísta Doutorando em C.S (Sociologia), M. em Direito

domingo, 16 de fevereiro de 2025

A memória desvela-se, desse modo, como um caleidoscópio incessante e complexo, no qual o texto literário apresenta-se como um potente participante, ao contribuir para o movimento permanente de reconstrução das vias organizadoras no “exercício de estar vivo”, como dizia Ruy Duarte de Carvalho. A proposta de Xosé Lois Garcia, sobre a produção lírica de Lopito Feijóo, está estruturalmente composta por ricos 16 capítulos, onde o autor aborda com precisão e encanto o percurso do autor estudado, desde o início da carreira aos nossos dias. Quanto a mim, instado a debitar apenas algumas linhas em jeito de prefácio, por uma questão de economia de espaço e para não me tornar exaustivo, num trabalho cujo objectivo é de traçar simplesmente algumas pistas de enquadramento teórico, procurei sintetizar a presente obra em três grandes momentos do autor, “parto inaugural; a insígnia da novíssima poesia e por fim doutrinas”. Não é em vão que o número 3 (três) é responsável por influenciar a expressão e a sensibilidade das pessoas no que respeita à numerologia, reunindo os ideais necessários para o amadurecimento espiritual dos seus membros: fé, esperança e caridade. Na teoria do filósofo e matemático Pitágoras, este número representa a perfeição, já que ele é a soma do um, que significa unidade, e do dois, que significa diversidade. Para os chineses, a perfeição está centrada no número três, já que representa a junção do céu e da terra, da qual resulta a humanidade. Na perspectiva espiritual, o número três representa a unidade divina. A Santíssima Trindade para os cristãos (Pai, Filho e Espírito Santo), sendo um dos principais exemplos que mostram o seu carácter sagrado. Para os gregos e romanos, a manifestação divina decorre de uma trindade [...] de deuses representados com coisas que têm relação com o número três. Da mesma forma que os egípcios têm Ísis, Osíris e Hórus; os hindus têm Brahma, Vishnu e Shiva, enquanto católico aficionado, no que está vinculado a manifestação divina, socorro-me do exemplo dos três Reis Magos e a ressurreição

de Jesus Cristo ao terceiro dia, inscrevendo assim o número três na sustentação teórica do ciclo da vida (nascimento, vida e morte).

Parto inaugural

Voltando ao ponto inicial cuja abordagem anda em torno da memória, derivo, portanto, a impossibilidade de existirem imagens sempre cristalizadas acerca da produção de memórias bem como o facto de não haver elaboração de uma memória individual fora de sua intercessão com a memória colectiva - assim como não há memória colectiva fora dos diálogos com as imagens pertencentes às memórias subjectivas e, só por isso, para Santo Agostinho, a experiência e o conhecimento das coisas são mantidos na memória como imagens: “Aliás, não são as próprias coisas que entram na memória, mas as imagens das coisas sensíveis que ali permanecem à disposição do pensamento que as evoca”. (Agostinho s/d.:184). É a partir desse pensamento que incitando o diálogo entre os processos de organização da memória e o formato vinculativo, espesso e estético de urdidura literária, Xosé Lois Garcia traz as concepções de memória e suas manifestações na literatura e na cultura, como matérias (in)orgânicas (con)vertidas em força da linguagem, se impondo como discurso esteticamente bem elaborado, recriado e transformado enquanto rememoração que sugere um fio condutor e/ou, trilho perpendicular ao encontro de um poeta de resiliência doutrinária:

“Neste percurso pela sua poesia, convém fazer uma espécie de crónica narrando como foi que a poesia de Lopito Feijóo chegou às minhas mãos. Pois foi no Natal de 1987, numa visita que me fez em Barcelona o poeta angolano David Mestre, que vinha muito entusiasmado com o primeiro livro de Lopito, publicado nesse mesmo ano, titulado ‘Doutrina. Mestre, que era um enorme poeta com conhecimentos muito largos sobre poesia, não deixou de falar do autor como uma das promessas mais interessantes da vanguarda poética angolana que estava a vir em Angola - mas já estava!’.(Garcia, Xosé Lois, in “África, pro-texto e erotismo na poesia de Lopito Feijóo”).

De vocação experimental, paródica discursiva, hermetismo, humor e desconstrutividade ou ludismo dos signos, é muitas vezes referenciado como “rebelde”, dada a sua forma telúrica, irreverência e boémia. Trajando a seu jeito, e, de preferência, de roupas de identidade africana, é desta que se adiciona a pelerine, veste de reconhecimento como membro internacional número um de uma das academias do Brasil, fruto da sua dedicação e persistência no labor diferenciado da palavra. E, bem dizia, “PAMBA N’ZAMBI nasceu um dia e não morreu mais”. “Nome importante da geração de 80, a chamada ‘geração das incertezas’, assume a ruptura com os cânones semânticos e estéticos tradicionais, propondo uma estética assente numa linguagem dissonantemente metafórica e no experimentalismo visual. Com um estilo simultaneamente satírico e irreverente, a sua poiesis é caracterizada por um profundo teor lírico. Lopito Feijóo, trabalhador da palavra, atento e de sensibilidade apurada para pormenores culturais, é um artista de grande alcance e significado no contexto do percurso literário angolano, se buscado, alcançado e percebido na sua mais íntegra expressividade hermético-poética.

No cômputo da literatura ficcional, o género memorialístico, aqui entendido como registo do facto, preservação e resgate de imagens ou reconstrução da experiência humana, insere-se no estatuto de textos referenciais que relatam uma trajetória, e são documentos que “servem”, inicialmente, à descrição da vida de um homem, com todas as suas adversidades. Na obra “África, pro-texto e erotismo na poesia de Lopito Feijóo”, Xosé Lois García, que nasceu no dia 22 de Abril de 1945 em Lugo, Galiza, poeta de grande dimensão na cultura e literatura galegas, versado a trabalhar vários géneros literários, como poesia, narrativa, ensaios, teatro, artigos

jornalísticos, crítica literária e literatura infantil, problematiza e traz a evidência de quão a mística da literária como suporte de produção de imagens moduladoras atreladas a memória com peculiaridades que a distinguem de outros suportes, como o historiográfico, costura-se fino e fiel, no contexto actual de novas formulações de conceitos e percepções, realidade esta impactada pela práxis do carácter plural e impermanente da própria memória, em constante criação, desconstrução e renovação.

A insígnia da novíssima poesia

De expressão mais evidente, a década de 70 trouxe nomes como o de David Mestre, Ruy Duarte de Carvalho e Arlindo Barbeitos, que, assinalando em suas escritas elementos de novidade estético-emática, serviram, na década de 80, de elementos catalisadores de uma juventude audaz e aguerrida, já nas vestes de “geração das incertezas”, como Luís Kandjimbo a intitulou, propondo um “rigor e experimentalismos formais aliados a novas configurações temáticas”.

Ao contrário da dicção mais discursiva, retórica, de conteúdo político directo, que esteve em evidência nos anos 60 e 70, Lopito Feijó torna-se uma autêntica “paramência”, com movimentos helicoidais para frente e para trás, move-se em vários sentidos, buscando, de seus mestres das gerações anteriores e partilhando com seus confrades, uma reinvenção da sintaxe e a força mântica das palavras. A linguagem poética, arrojada, mas assente e bem alojada, transformou-se em leitura crítica ou expoente descritiva da realidade cultural angolana e não só, onde a transmissão oral ganhou espaço e coexiste com outras formas de realização poética.

Na poesia de Lopito Feijó, a “gíria literária” é fielmente traduzida num esforço de toda uma geração de escritores que primam por exprimir-se com a arte, sobretudo na sua dimensão estético-subjectiva, onde a palavra, para estes poetas inovadores, é um mero símbolo que, no entanto, encerra uma pluralidade inesgotável de sentidos ao ponto de o seu significado contextual afigurar-se ambíguo. Logo, para apreender a palavra poética e, por extensão à própria poesia produzida nos nossos dias, é preciso vencer a tentação da aderência imediata e, ultrapassar o sentido literal da palavra para lá dela recriar a criação do poeta.

Discípulo de David Mestre

Assumidamente discípulo de corpo e alma de David Mestre, João André da Silva Feijó, de seu nome completo, que, como criador, assina, usualmente, J. A. S. Lopito Feijó K, é poeta e crítico literário, nascido em Malanje, aos 29 de Setembro de 1963. Membro fundador da Brigada Jovem de Literatura de Luanda (BJLL/1980), do Colectivo de Trabalhos Literários OHANDANJI (1984) e membro da União dos Escritores Angolanos (UEA), onde exerceu o cargo de Secretário das Relações Internacionais, de acordo com o professor e crítico literário Pires Laranjeira, “[...] deitando mão a diversíssimas fórmulas arquitetuais (soneto, ode, haiku, dístico, epigrama, prosoema), usando o parêntese ou o ‘enjambement’ com o recurso e referências a alusões tão multímodas [...], subvertendo-as ou cultuando-as, Lopito Feijó traz à cena do discurso um descomplexado ensejo de confrontar códigos e linguagens, por um processo requintado de (re)construção significativa que é herdeiro directo e dilecto não só do modernismo e tradição vanguardista, mas [...] do romantismo rebelde, apaixonado, revolucionário”.

A força expressa na actuação e percurso estético-literária de Lopito Feijó faz lembrar aquele programa iniciático do postulante Herero, que para transpor os obstáculos sem medo e atingir

os graus superiores do conhecimento e poder de completude, deve dotar-se de conhecimentos sobre sua própria natureza original e a do saber, da sua relação com os humanos; das relações entre alma e corpo, entre o homem e a mulher, o bem e o mal; do julgamento e consciência moral e dos quatro elementos base da criação - fogo, terra, ar e água. Deve, enfim, ser um homem robusto, considerado do ponto de vista da deslocação nos terrenos em que se encontra e as personalidades míticas enfrentar, mas mais do que isso, ele é posto em contacto com os animais selvagens que são os símbolos das forças com ou contra as quais deve lutar, tal como em relação aos principais vegetais que intervêm na vida pastoril. Franquear a entrada da primeira clareira constitui, para o postulante, passar do mundo desordenado dos homens ao mundo organizado da pastorícia, terreno de Deus.

Essa expressividade estético-lírica, bem identificada por Xosé Lois Garcia, como ele mesmo diz, dá “[...] ‘o pressentimento de que o poeta está a levar-nos à herança da incontinência da palavra dos trovadores medievais’. Aí há uma respiração que pode conjugar provérbio-fábula-cantiga, sem ainda descontar os graus metafóricos que oferece este poema inicial, que aqui reproduzimos:

‘É tão maduro / o veludo da pele parceira / surpreendente / cristal fino e puro / independente / acontece quase sempre / feito mar agitado / corpo despido / vermelho e teso / beijo de tanto prazer concentrado’”!

E Xosé Lois Garcia vai mais longe quando no seu exercício de nos trazer a ardência pulsante da lírica de Lopito Feijóo, completa o seu raciocínio ao filtrar a alma do poema e conseqüentemente a do autor quando diz “[...] Este poema não deixa de ser um enorme louvor ao amor carnal não escarnecido, mostrando o mistério dos corpos frágeis e sem o pudor imposto pela mediocridade alienante e religiosa. O amor confiado, e não confinado no pecado, que nos presenteia Feijóo, tem um grau de liberdade incondicional e insubornável [...] pode levar-nos a concretizar, na poesia amorosa de Lopito Feijóo, o elemento iniciático em que respira toda a contemplação do corpo ao corpo; a beligerância inicial do sexo, no ardor flutuante, oscilante desse fogo cadencioso que ‘arde sem se ver’, como diz o soneto de Camões”.

De exímia elasticidade intelectual quando instado ao exercício do seu labor, Xosé Lois Garcia é filho de uma humilde família camponesa, tendo nascido e vivido boa parte da sua vida no meio rural galego oprimido, explorado e desprezado pela burguesia espanhola, marcado pela opressão social política e impostas na época aos que se opunham ao regime franquista. O contexto de sua infância foi difícil, tendo vivido até os 20 anos na Paróquia de Merlán, em Chantada (Galiza). Em sua escrita, particularmente a poesia, de uma grandiosidade estética e assente na rememoração de factos passados, a explicitação do seu compromisso com a história da Galiza denota-se nos versos de permanente resiliência. Pela simplicidade e leveza com que articula e se comunica com o leitor, percebe-se fácil que, não tendo a língua portuguesa como seu veículo de trabalho permanente, com a presente proposta “África, pro-texto e erotismo na poesia de Lopito Feijóo”, as barreiras linguísticas que separam os povos são ainda mais valorizadas quando a partir delas o autor forma um juízo valorativo do conceito de cultura, personalidade, valores e identidades, evidenciando-as de diversas formas, quando diz:

“O grito da muxima (coração) em Lopito Feijóo pulsa e confirma o sentimento mais íntimo e libertário de um africano, na sua máxima expressão amorosa, tão difícil de ser percebido por uma mentalidade ocidental. Assim é que os seus versos transversais se oferecem para serem resgatados pelas incógnitas que o leitor pode ter e presenciar”.

Doutrinas

Sobre a obra poética que Lopito Feijóo intitulou “Doutrina”, Xosé Lois Garcia diz que “Doutrina” foi o primeiro apelo de Lopito Feijóo, que marca toda a vida da sua poesia, de uma maneira comunicante noutros livros da sua autoria, estando ele puramente consciente das raízes envolventes que configuram os diversos parâmetros da tradição, da cultura africana e dos prodígios que manifestam expressamente a angolanidade. Não estamos ante uma poesia espontânea que soleniza o formulário repentino do próprio autor. Neste caso, o relato de Feijóo revela indícios para que o leitor, o estudioso dos seus versos, não parta de pressupostos que o autor não revela e, se não chega a revelar, pelo menos que adivinhe. [...] Há um poema intitulado “Uma questão de identidade”. [...] A primeira estrofe deste poema oferece algo muito contundente do que se passava naquele momento de tragédia nacional. E formaliza a metáfora da vida própria desde o musseque onde naturaliza a sua casa de criança; os medos dentro dessa muralha onde os percebe e, ainda, os pavores de uma humanidade em desastre, na qual ele está dentro. A plenitude destes poemas clarifica o pensamento poético de Lopito Feijóo em situações anómalas, nas suas diversas conotações extremas. Merece apenas transcrever esta primeira estrofe para verificar os sentidos e as emissões a que nos remete: “Estou de noite e tenho medo, sinto-me arriscando o perfil. Pergunto e a resposta vem ensaiada para mais da nossa sorte à margem desde já referida em casa de ruínas por ora prometidas. O mundo é inventado sem dono e uma potente banda de criadores daí a responsabilidade de ser-se social”.

Ana Mafalda Leite, no seu prefácio a obra “Desejos & Doutrinárias Marintimidades”, de Lopito Feijóo, diz que “A palavra doutrina implica saber, ciência, erudição e, o verbo conseqüente, o acto de conversão a tal saber”. Na verdade, o simbolismo expresso na proposta estética de “Doutrina”, reflecte o auge da sua carreira, uma inspiração visionária e renovadora, onde a habilidade do uso da palavra, sinal e segredo natural do oculto, o vírus do universo nas entranhas do espírito, a poesia, catalizava (há 41 anos, ou seja em 1980), a forma ideal na expressão reivindicativa do testemunho e responsabilidade de dar à literatura do país, corpo para a reformulação estético-identitária da Angola independente. Estabelecendo um paralelismo com a sexta e última sociedade de iniciação da doutrina religiosa dos Herero de todas as matizes (detida pelos anciões e, sobretudo, uma práxis da acção transformadora do ser humano, não constituída num corpus teórico, mesmo de natureza oral; de gente que não pode viver sem gado), no Sul de Angola, cuja instrução de base perpetua a espiritualização e a divindade em sucessivas etapas do seu vasto programa iniciático, em que o postulante é forjado a génio da guerra, símbolo da resistência que lhe é imposta e da luta espiritual que deve levar a cabo. Assim, no contexto da poesia de Lopito Feijóo, se “o pintor inconventional que se vale da cor para impressão simbólica”, impregna equilíbrio nos tons e nos sons para demonstrar que a criatividade tem maior significação do que a intenção e que toda arte pressupõe habilidade, mas nem toda habilidade produz arte, obrigatoriamente, em sua poesia subjaz um franquear de obstáculos, não fosse ele a lápide forjada pela bigorna do mestre que foi David Mestre.

Como diz o velho ditado “diz-me com quem andas, pois dir-te-ei quem és”, embora essa perspectiva analítica indicie uma acção mais teórica, a verdade é que ao analisarmos, discutir e reelaborar com a pertinência que se impõe, as percepções acerca das relações entre subjectividade, tempo e conveniência, acabaremos por derivar na velha questão da relação do corpo com o espírito. Em jeito de conclusão, diremos então que a preocupação com o estabelecimento ou (re)afirmação de uma identidade representativa do “universo” angolano passa, inevitavelmente, pela construção de uma cenografia capaz de relacionar as dimensões do discurso às questões socioculturais que subjazem na literatura. É deste modo que a poesia é um

exercício que para lhe render a excelência, o poeta, no auge da sua actividade, deve revigora-se com o passado histórico, para com o presente convocar as coisas sensíveis e complexas no lugar do pensamento. Santo Agostinho compreende a memória como imagem, entende a lembrança como resgate e transformação em linguagem, portanto uma passagem, uma transformação.

A lembrança traz a experiência ao consciente para ser avaliada, confirmada ou rejeitada por uma ética. Na sua obra “As confissões”, o religioso reflecte sobre a sua pré-conversão religiosa, além de estabelecer uma longa reflexão sobre o papel da memória definindo-a como um receptáculo das experiências humanas. (Agostinho s/d.:177). Esta sensibilidade e complexidade, no seu fluxo, explicam a grande dimensão de ser ela, a memória, a mais acalentadora da preservação e mente humana, enquanto accionador da sensação do belo, fonte primária para a elaboração poética, a mais íntegra expressão da linguagem criativa, sendo que sem tal doseado, ela se tornaria frouxa ou quase que inútil. A poesia, no seu percurso ao encontro de outros espaços, por força da própria dialéctica, atravessou o seu quadro primitivo, tanto no tempo como no espaço e, universalizando-se cada vez mais, tem conhecido sedimentos na sua originalidade, obrigando a que, para lhe render a excelência, seus cultores obrigam-se a não se vergarem a intuições que vagueiam, mas sua “virtude e talento devem exorcizar a concisão e orientar-se à exploração do material poético ao mínimo detalhe”.